

CENTRO ALPHA DE ENSINO
ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE HOMEOPATIA
PEDRO SUAREZ ROMANO

A PSICANÁLISE COMO FERRAMENTA PARA A ABORDAGEM
DOS SINTOMAS MENTAIS EM HOMEOPATIA

SÃO PAULO
2016

PEDRO SUAREZ ROMANO

**A PSICANÁLISE COMO FERRAMENTA PARA A ABORDAGEM
DOS SINTOMAS MENTAIS EM HOMEOPATIA**

Monografia apresentada a ALPHA/APH
como Exigência para obtenção do título de
especialista em Homeopatia.

SÃO PAULO

2016

Romano, Pedro Suarez

A psicanálise como ferramenta para abordagem dos sintomas mentais em homeopatia / Pedro Suarez Romano, -- São Paulo, 2016.
49f.; 30 cm ; il

Monografia – ALPHA / APH, Curso de Especialização em Homeopatia.

1. Homeopatia 2. Psicanálise 3. Sintomas mentais I Título

RESUMO

Trabalho realizado a partir de uma revisão bibliográfica em literatura de homeopatia e psicanálise cujo objetivo é mostrar semelhanças entre as duas ciências e como uma interação entre ambas seria benéfica aos pacientes através da cura e do reequilíbrio bio-psíquico. A Homeopatia é uma especialidade médica que trabalha com a integralidade bio-psíquica e a singularidade do ser humano. A doutrina de Hahnemann caracteriza o adoecimento como um desequilíbrio da energia vital, essencial ao equilíbrio bio-psíquico, oriundo da tentativa de adaptação às situações adversas. A Psicanálise de Freud também trabalha com questões energéticas, como a libido e a pulsão. Para Freud, desordens emocionais tem sua fonte em vivências sexuais marcantes que por serem perturbadoras, são reprimidas no inconsciente. Esta energia que foi desligada da representação psíquica, a libido, se expressa através de sintomas como tentativa de se preservar e dar sinais ao mundo exterior que algo da esfera mental precisa ser elaborado para não se tornar um núcleo patógeno. Ao utilizara livre associação e a interpretação, o psicanalista resignifica eventos traumáticos da vida do sujeito. Logo, a interação entre psicanálise e homeopatia, que possuem muitas semelhanças em suas epistemes, além da questão energética já mencionada, podeseer exitosa na restauração da psicodinâmica do indivíduo. Na prática ambulatorial do homeopata nota-se que a procura dos pacientes por reequilíbrio mental é a principal demanda nas consultas. Ao mesmo tempo, na hierarquização dos sintomas que compõe a totalidade sintomática, os sintomas mentais ocupam o primeiro lugar. Uma melhor capacitação aos médicos homeopatas, visando melhor atendimento às necessidades dos pacientes, através de uma escuta mais qualificada não só do manifesto do consciente, do discurso, mas sim também do latente inconsciente, desconhecido pelo próprio enfermo devido

às repressões, potencializaria a cura homeopática, o encontro do *similimum* e não do similar, a cessação da perturbação da força vital, a energia essencial da vida, e o reequilíbrio bio-psíquico.

Palavra chaves: Homeopatia, Psicanálise, Energia, Equilíbrio, Sintomas mentais.

ABSTRACT

Work done from a literature review in homeopathy and psychoanalysis whose aim is to show similarities between the two sciences and as an interaction between the two would be beneficial to the patient through healing and bio-psychic rebalancing. Homeopathy is a medical specialty that works with bio-psychological integrity and the uniqueness of the human being. The doctrine of Hahnemann characterized the illness as an imbalance of vital energy, essential to the bio-psychic balance, arising from the attempt to adapt to adverse situations. Psychoanalysis of Freud also works with energy issues, such as libido. For Freud, emotional disorders have their source in striking sexual experiences that to be disturbing, are repressed in the Unconscious. This energy that has been disconnected from the psychic representation, libido, is expressed through symptoms as an attempt to preserve and give signals to the outside world that something of the mental sphere must be prepared not to become a pathogen core. By using free association and interpretation, the psychoanalyst significance to traumatic events in the life of the subject. Thus, the interaction between psychoanalysis and homeopathy, which have many similarities in their episteme as the energy issue, can be successful in individual psychodynamic restoration. In clinical practice the homeopath is noted that the demand of patients for mental rebalancing is the main demand in the consultations. At the same time, in the hierarchy of symptoms that make up the whole symptomatic, mental symptoms come first. Better training for homeopathic physicians, to better meet the needs of patients through a more qualified hearing not only the manifest conscious of speech, but also the unconscious latent, unknown to the patient due to the repression, would increase the homeopathic cure, the meeting

of *similimum* and not the same, the cessation of the disturbance of the life force, the vital energy of life, and the bio-psychic rebalancing.

Keywords: Homeopathy, Psychoanalysis, Energy, Balance, Mental symptoms

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO E PROPOSIÇÃO	9
2. METODOLOGIA	13
3. REVISÃO DE LITERATURA	14
3.1 HAHNEMANN E A VALORIZAÇÃO DO MENTAL	14
3.2 PSICANÁLISE	22
3.3 SEMELHANÇAS HOMEOPATIA E PSICANÁLISE	25
3.3.1 <i>Pulsão versus Força Vital</i>	26
3.3.2 <i>Sintoma</i>	28
3.3.3 <i>Doença</i>	30
3.3.4 <i>Estrutura Edípica</i>	32
3.3.5 <i>Tratamento</i>	35
4. A CONSULTA HOMEOPÁTICA, PONDERAÇÃO DA EXCESSIVA VALORIZAÇÃO MENTAL	42
5. DISCUSSÃO	44
6. CONCLUSÃO	46
REFERÊNCIAS.....	48

1. INTRODUÇÃO E PROPOSIÇÃO

O modelo de medicina ocidental é centrado na doença, em rótulos de diagnósticos advindos de critérios de manuais como o DSM, que aborda as doenças mentais sob a ótica das indústrias farmacêuticas, e também no uso excessivo de tecnologia que troca a boa anamnese, os olhos nos olhos e a escuta atenta do que o corpo fala, e muitas vezes grita, mas ninguém ouve, por análises de equipamentos caros e sofisticados, que oneram os usuários e os sistemas de saúde públicos e privados, sem necessariamente representar um melhor cuidado de saúde (ARAÚJO,2008)

A intermediação da tecnologia afastou o médico de seu paciente, que não se sente cuidado apesar de sua doença ser objeto de múltiplas e sofisticadas intervenções tecnológicas, e constituem-se em razões de busca de outros modelos terapêuticos (ARAÚJO,2008). O excesso de tecnologia e a necessidade de dominá-la levou a superespecialização da área médica, fragmentando o cuidado e fazendo com que o ser humano não seja visto como um todo. Muitos pacientes clamam por um médico para ser chamado de seu, um gerente de sua saúde, um especialista em suas singularidades, como os médicos de família de antigamente que acompanhavam as pessoas desde a concepção até a morte, e também os homeopatas, que abordam o paciente bio-psiquicamente, sem a dicotomia mente-corpo.

O modelo biomédico vigente também preconiza que a doença é uma "entidade" à parte do doente e que resulta da alteração de variáveis biológicas mensuráveis. Ou seja, não se olha o doente integralmente e sim sua doença sem inter-relações com outras partes do todo, sem as particularidades de seu adoecer. O

que não é mensurável, como as potências homeopáticas além do número de Avogadro, ou que não tem seus mecanismos de ação claros, como a ação dos medicamentos homeopáticos, são desvalorizados como placebos.(ARAÚJO,2008)

Diante do exposto, há uma crescente preocupação, entre o público em geral e também entre a classe médica, de que as necessidades de saúde não estão sendo atendidas e que os avanços nas pesquisas não são traduzidos em melhora da qualidade de vida. Muitas pessoas hoje em dia buscam as terapias complementares, como a homeopatia e a psicanálise, com menos efeitos colaterais indesejáveis do que a alopatia e a psiquiatria, melhor controle do estresse e qualidade de vida, além do processo de autonomia e humanização promovido por estas e outras práticas não convencionais (SPADACIO; BARROS, 2008).Com a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (Portaria 971/2006-MS), a homeopatia passou a integrar o rol de terapias oferecidas por meio do Sistema Único de Saúde – SUS, e vem sendo gradualmente implantada e acessível a qualquer cidadão (ADLER, 2008; CRF-SP, 2013).

A medicina e os médicos são muitas vezes vistos como insensíveis aos problemas dos pacientes. Contribuem para estas inquietações o fato de que a medicina predominante valoriza a sintomatologia orgânica e a sua supressão, sem valorizar as dimensões sociais, psicológicas e comportamentais do adoecimento, que individualizam o sujeito. Valoriza-se, por exemplo, a diminuição do neurotransmissor serotonina em uma fenda sináptica “x”, mas não ao que levou ao sofrimento, angústia, que desencadearam um quadro melancólico, depressivo. A relação médico-paciente, paciente está deteriorada, se perdeu a arte de curar em nome de uma pseudo-resolutividade imediatista de esconder os problemas através das supressões que não resolvem as causas dos problemas, só os resolvem na

superfície, na aparência, aprofundando processos que estavam se externalizando. (ARAÚJO,2008)

A psicanálise poderia ajudar a Homeopatia a buscar as causas escondidas do sofrimento humano, invisíveis aos olhos, ao desvendar o que o próprio indivíduo não reconhece como seu e não se ater só ao discurso muitas vezes enganador, o homeopata poderia chegar mais vezes ao *similimum* e não ao similar.

Segundo a OMS, o conceito de saúde é “completo bem-estar físico, mental e social” (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2001, p.VIII), logo, além do orgânico. Hoje, 12% da carga mundial de doenças são de transtornos mentais, sem contar a influência que eles exercem sobre fatores biológicos e sociais (OPAS, 2001). Também informa que as doenças mentais serão as mais prevalentes no século XXI, este tipo de doença tem suas particularidades, tende a cronicidade, depende de uma boa anamnese e exame físico, assim como de uma boa relação médico-paciente. É necessário que o homeopata esteja preparado para lidar com esta demanda, e a psicanálise, após treinamento e capacitação, seria um bom instrumento para a escolha dos sintomas mentais que representem adequadamente a síndrome mínima de valor máximo da totalidade sintomática característica do indivíduo. O Homeopata teria sua escuta atenta ainda mais qualificada, para a arte da interpretação do latente e não só do manifesto do discurso, ajudando a reabilitação da saúde do indivíduo, a melhora de sua qualidade de vida e respondendo as ansiedades dos muitos insatisfeitos com a medicina hegemônica na atualidade. A interação entre homeopatia e psicanálise seria literalmente uma relação de energia e sinergia, rearticulando a esfera biológica aos campos diversos que constituem a existência humana, ao reequilibrar o corpo doente que se expressa através de uma doença na região mais suscetível determinada pela predisposição do indivíduo. Além disto, a

Homeopatia e a psicanálise podem arrebanhar os pacientes que não se sentem cuidados pela medicina excessivamente tecnológica, na qual a relação médico-paciente é fria e os efeitos colaterais das drogas muito adversas. (ARAÚJO,2008). Muitos pacientes de saúde mental não respondem aos tratamentos exclusivamente medicamentosos (BARBOSA, 2008), neste ponto a psicanálise auxiliaria a homeopatia também.

A questão levantada por esta monografia é responder como a interação entre a Homeopatia e a Psicanálise, que possuem muitas similaridades, contribuiria para potencializar a cura homeopática eficiente, ao melhorar a abordagem dos sintomas mentais e de personalidade. Ao identificar essa resposta, se espera contribuir para a atuação dos profissionais da área e destacar a relevância desta interação para um melhor cuidado do paciente. Mudanças curriculares futuras do ensino da homeopatia seriam necessárias para esta implementação.

Para o desenvolvimento do trabalho adotou-se a pesquisa exploratória com a coleta de dados por meio de pesquisa bibliográfica. Há pouco material de Homeopatia e Psicanálise nos bancos de dados, a relevância deste trabalho também seria agregada nesta importante área carente de mais estudos.

2. METODOLOGIA

A metodologia adotada foi a pesquisa exploratória com coleta de dados por meio de pesquisa bibliográfica. Foram selecionados autores com alto grau de conhecimento sobre o tema proposto e que tivessem material bibliográfico de domínio público nos sites de busca e/ou livros editados e disponíveis em bibliotecas e livrarias. Utilizou-se também a BIREME-HOMEOPATIA e o Google acadêmico, sendo os termos buscados: homeopatia e psicanálise. Buscas realizadas de janeiro a abril de 2016. Todas as obras e produções científicas estão citadas nas referências.

3. REVISÃO DE LITERATURA

3.1 Hahnemann e a valorização do mental

Samuel Hahnemann (1755 – 1843), médico alemão, após graduar-se, exerceu a medicina hegemônica no final do século XVIII, a medicina “heroica” dos barbeiros com suas sangrias e métodos purgativos. Sua insatisfação com esta prática médica lesiva ao organismo, e seu espírito crítico o levaram a abandonar a profissão e a se dedicar a tradução de livros. Em 1790, ao traduzir a “Matéria Médica” de CULLEN, Hahnemann percebeu a semelhança entre os sintomas causados pela *China officinalis* o quadro clínico para o qual ela era utilizada como tratamento. Hahnemann associou o fato a medicina hipocrática, que no século IV a.C afirmou que: “[...] a doença é produzida pelos semelhantes e pelos semelhantes que a produziram, o paciente retorna da doença à saúde. Desse modo, o que provoca a estrangúria que não existe, cura a estrangúria que existe; a tosse como a estrangúria, é causada e curada pelo mesmo agente”. (PUSTIGLIONE, 2010) A partir de então, Hahnemann busca em sua prática clínica quadros mórbidos semelhantes e os trata homeopaticamente, iniciando um processo de experimentação de substâncias da natureza e observando seu poder de alterar o estado de saúde do homem e seus efeitos no organismo sadio. Em 1810, 20 anos após a auto experimentação da quina escreve “ Organon da arte racional da cura”, um tratado organizado do conhecimento homeopático. O método usado pela lógica homeopática divide-se em quatro etapas:

(1). Buscar na totalidade dos sintomas o critério norteador da atuação terapêutica.

(2) A administração de substâncias diluídas e dinamizadas – de acordo com a farmacotécnica homeopática -, utilizando o princípio de similitude.

(3) Uso de medicamentos que foram experimentados por meio da técnica de pesquisa de sintomas pelo efeito dos medicamentos sobre o homem, permitindo o uso do princípio da individualização.

(4) Emprego preferencial de medicamentos únicos, prescritos em doses únicas, (ROSENBAUM, 2002).

O princípio da similitude se baseia na lei natural de cura pelos semelhantes. Toda substância capaz de provocar sintomas em pessoas saudáveis, também é capaz de curar pessoas doentes que apresentem estes mesmos sintomas (PUSTIGLIONE,2010)

A experimentação em homem são é outro princípio homeopático, obtendo o retrato de cada medicamento que encontramos na matéria médica e no repertório. Ao conjunto e manifestações objetivas e subjetivas apresentadas pelo indivíduo sadio e sensível, durante a experimentação, foi dado o nome de patogenesia. A reunião dos experimentos, catalogados, passou a constituir a matéria médica. Aquele medicamento cuja patogenesia melhor coincidir com as manifestações apresentadas pelo doente será o *simillimum* deste doente (BARBOSA NETO, 2006).

Mais um princípio da homeopatia são as doses mínimas. Inicialmente Hahnemann utilizou drogas em doses reduzidas, subtóxicas, porém em nível ponderável. Entretanto, a vivência diária mostrou frequente agravamento inicial, atribuído à soma da doença já instalada existente com aquela artificial induzida pelo *simillimum*(KOSSAK-ROMANACH, 2003). Para amenizar e evitar sintomas orgânicos e lesionais, Hahnemann diminuiu as doses em quantidade, através de diluição da substância em água e álcool, em uma escala centesimal progressiva,

homogeneizando a diluição através de succussões (agitação vigorosa e ritmada), que geram a dinamização, que por sua vez confere potência medicamentosa. Observou-se que quanto menor a dose, mais potente era o efeito da substância na cura, levando-o as doses infinitesimais, onde não existe mais a substância original, sendo assim o medicamento homeopático considerado não mais um agente puramente químico, e sim físico (DANTAS, 1984)

O quarto e último princípio, não respeitado por muitas escolas homeopáticas e homeopatas, é o medicamento único. Hahnemann preconizou que para se evitar dúvidas sobre qual substância atuou no paciente, deve-se usar um medicamento por vez, levando-se em conta a totalidade sintomática, encontrada através de uma boa consulta, com escuta atenta, observação cuidadosa da história de vida e exame físico, valorizando as particularidades do adoecer, estabelecendo um bom vínculo com o doente. A busca do *similimum* é a grande função do homeopata, e este deve coincidir com as manifestações psíquicas, gerais e locais do doente (KOSSAK-ROMANACH, 2003). Como uma chave e sua fechadura, as características pessoais do doente, com seus sinais e sintomas, devem coincidir o máximo possível com a patogenesia.

Hahnemann, o Organon, e o pioneirismo na abordagem dos sintomas mentais:

No primeiro parágrafo de sua obra “Organon da Arte de Curar” Hahnemann expressa sua discordância com a separação entre a ciência da diagnose e arte de curar: “Sua missão não é, portanto, formar os chamados sistemas, mesclando ideias vazias e hipóteses sobre a natureza íntima dos processos vitais e sobre a origem das doenças no interior do organismo (temática sobre a qual tantos médicos, até os dias de hoje, têm gasto com ambição suas energias intelectuais e seu tempo). Não é

sua missão também apresentar centenas de explicações a respeito dos fenômenos mórbidos e suas causas (as quais permanecerão sempre ocultas) utilizando palavras incompreensíveis e expressões abstratas, afetadas e pomposas, com aparência erudita, para impressionar os ignorantes, enquanto os doentes suplicam inutilmente por ajuda. Já tivemos devaneios científicos suficientes (que até receberam nome: “medicina teórica” e cátedras especiais). Porém, já é tempo para que todos que se denominam “médico” deixem finalmente de enganar a humanidade sofredora com o palavreiro destituído de conteúdo e comecem, de uma vez por todas, a agir, isto é, aliviar e curar realmente, (PUSTIGLIONE, 2010).

Nessa obra Hahnemann descreve sua filosofia e o papel do sintoma, da totalidade sintomática orientando o tratamento: “Os médicos da velha escola tentaram sempre combater e suprimir, com medicamentos, apenas um sintoma dentre os muitos da doença. Trata-se de procedimento “unilateral” denominado “tratamento sintomático” que provocou desprezo universal, não só por não trazer vantagem alguma como por determinar vários prejuízos. Ora, um sintoma não é toda a doença, da mesma forma que um pé não representa todo o homem”, (PUSTIGLIONE, 2010).

Hahnemann descreve as peculiaridades da anamnese e exame físico homeopático, mostrando como o indivíduo responde ao meio - sob o paradigma de que o organismo sofre influência endógena e exógena, **ereage** para adaptar-se às novas condições; define desde a escolha do remédio adequado a cada caso até o processo de preparação da medicação e as estratégias de prescrição. Define as habilidades e competências necessárias aos seus praticantes e deixa um guia prático para a clínica e terapêutica, (PUSTIGLIONE, 2010)

A metodologia homeopática nos ensina a usar sistematicamente o modelo bio-psico-social da enfermidade de cada paciente, em suas singularidades, especificidades, com suas características raras, estranhas e peculiares: “sem tratamento particular, estrito (individualizador) de cada caso, não pode ocorrer cura real dessa ou de outras doenças” (Organon §82); “o médico deve ter em mente apenas o que for aplicável para cada caso individual[...] deve ser dotado de ausência de preconceitos, sentidos perfeitos, atenção na observação e fidelidade ao traçar o quadro da doença” (Organon §83), (PUSTIGLIONE, 2010, p.150).

Em outros parágrafos do Organon, Hahnemann orienta a tomada de caso em homeopatia: “anotar tudo o que julgue importante [...]o doente detalha a marcha de seus sofrimentos[...]os que o rodeiam relatam do que o tem ouvido queixar-se, como tem se comportado e o que notam nele[...]o médico vê, ouve e observa com os outros sentidos o que existe de alterado ou fora do comum (Organon §84); o médico inteligente primeiro afasta a causa ocasional (excitante ou de manutenção) existente, fazendo, em geral, cessar espontaneamente a indisposição (Organon §7); com a história pregressa da moléstia atual estruturada cronologicamente; poderemos detectar que sintomas físicos estão sendo aliviados pela representação vicária localizada no psiquismo”. (Organon§ 218). (PUSTIGLIONE, 2010, p.86-224). A homeopatia valoriza não só o diagnóstico, ela se propõe a entender e interpretar o fenômeno de adoecimento dentro da realidade específica de cada paciente, não se restringindo apenas à caracterização do evento patológico. Para tanto, busca individualizar o sofrimento, conhecendo sua maneira particular de vivenciar a experiência de doença (ARAÚJO,2008). Esta questão da interpretação é também uma interface com a psicanálise.

No parágrafo 226 do Organon, Hahnemann se mostra um pioneiro na área da saúde mental e um precursor da psicanálise e psicoterapia 100 anos antes de Sigmund Freud, provavelmente baseado no pensamento de Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1716) de Leipzig e na dialética hegeliana de seu contemporâneo Georg Wilhelm Friederich Hegel de Stuttgart (1770-1831), (PUSTIGLIONE 2010, p.228).

“Parágrafo 226: Somente as doenças mentais (emocionais ou psíquicas: aquelas produzidas e sustentadas pela própria mente), enquanto ainda recentes, e, antes de terem invadido e perturbado em demasia todo o corpo, podem rapidamente ser transformadas num estado de saúde mental, através de “meios psíquicos de cura” tais como: demonstração de confiança; conselhos amistosos; argumentos sensatos; e, simulações habilidosas. Um estilo de vida adequado e dieta saudável conduzem também o corpo físico ao estado de saúde” (PUSTIGLIONE 2010).

Todo o capítulo XIV do Organon é dedicado às doenças psíquicas e mentais, desde o parágrafo 210 até o 230. De forma sucinta, Hahnemann explica que as doenças mentais estão associadas à psora que não foi plenamente desenvolvida (Organon, parágrafo 227), e são mais difíceis de curar porque todas as suas outras manifestações mórbidas ficam encobertas diante de um único grande sintoma predominante (Organon, parágrafo 210). Também afirma que “o estado psíquico do doente freqüentemente determina a escolha do medicamento homeopático, por ser um sintoma decididamente característico, e o que menos pode permanecer oculto à criteriosa observação do médico” (Organon, parágrafo 211). O parágrafo 216 ressalta a importância de se avaliar as causas físicas antes de considerar a doença como de origem mental: “Em doenças evolutivas físicas que ameaçam à vida, tais como: supuração dos pulmões, degeneração de uma víscera essencial, é comum que aumentem os sintomas mentais, pois eles ocuparão o lugar de outros sintomas

físicos, cuja intensidade atenua de forma paliativa, ou seja, as afecções dos órgãos físicos são como que transferidas e conduzidas para os órgãos quase imateriais, mentais e psíquicos” (parágrafo 216). No parágrafo 229, Hahnemann diz “Somente com a melhora da saúde do corpo brilhará novamente em sua mente a tranqüilidade e o bem-estar.”

Para a Homeopatia, todas as enfermidades são psíquicas (psicogênicas) por se desenvolverem a partir de conflitos inconscientes num estado susceptível prévio, isto é, uma constituição predisposta. Não desenvolve um conflito quem quer, mas quem pode, (COSTA, 1945).

A relevância da psicodinâmica do paciente, de seus antecedentes pessoais e dos sintomas mentais na totalidade sintomática retoma uma racionalidade médica em que o indivíduo é visto como um ser integrado, de maneira holística, e as dimensões social, psicológica e comportamental são consideradas para que se tenha uma melhor compreensão do adoecimento, (PASCHERO, 1991).

No Organon, as doenças mentais são tratadas da mesma maneira que as demais, *similia similibuscurantur*, ou seja, através de uma medicação que experimentada no homem são é capaz de geraro mesmo estado mórbido que se pretende curar, estabelece-se a totalidade sintomática característica a partir dos sintomas que mais se afloram (no caso os mentais) agregando a eles todos os concomitantes físicos (sintomas gerais e locais surgidos ou exacerbados com o advento da doença mental) este conjunto sintomáticoé a “síndrome mínima de valor máximo” caracterizando o conjunto sintomático concomitante mais qualificado (sintomas raros, peculiares e característicos) identificados no caso.(PUSTIGLIONE, 2010).

Paschero (1991) caracteriza a homeopatia como “uma medicina fundamentalmente psicossomática e antropológica que contempla o aspecto psíquico e somático do enfermo enquanto um indivíduo racional, vivente, livre e dotado de consciência”. O completo entendimento do psiquismo já foi tentado por muitos, prova disto são as inúmeras linhas da psicologia e psiquiatria. Freud, fundador da psicanálise foi além, pois ao criar o conceito de inconsciente, desvendou o que o próprio paciente não tem consciência devido as repressões. A psicanálise é uma poderosa aliada da homeopatia, subutilizada por falta de conhecimento técnico de muitos homeopatas não capacitados, pois o uso dos sintomas inconscientes pode fazer com que se chegue mais facilmente ao *similimum*, sem enganosos sintomas mentais manifestos que são muitas vezes relatados nos discursos das anamneses, encobrendo os verdadeiros e latentes sintomas psíquicos. A psicanálise é um meio de se chegar a verdade, verdade esta, que nem todo avanço tecnocientífico, de métodos diagnósticos, das técnicas terapêuticas, tem tido êxito para entender o universo particular de cada paciente e como esse mundo emocional influencia sua maneira de comunicar seu adoecimento e seu entendimento sobre sua condição. A compreensão da psicodinâmica do paciente demanda uma escuta atenta por parte do profissional, que permita a fala espontânea do paciente, sem interrupções, a livre associação de idéias, contribuindo para uma relação médico-paciente de qualidade. “A interrupção perturba a ordem das ideias dos narradores, podendo não lhes ocorrer de novo exatamente o que teriam dito a princípio, se não tivesse havido a interrupção”. (PUSTIGLIONE, 2010). Muitas vezes nas interrupções, a palavra do médico, tido muitas vezes como autoridade, pode reprimir sentimentos, ou fazer com que a fala do paciente seja para agradar a seu pretenso ouvinte. A fala do indivíduo expressa sua vivência interior,

revela seus valores, juízos, percepções e entendimento. Ela descortina a ideia que ele tem de si mesmo e como atende ou não suas próprias expectativas e as que o meio externo impõe sobre ele. Entender a dimensão desse conflito permite ao profissional compreender a individualidade, a dinâmica psíquica desse paciente, e, portanto, adequar a indicação terapêutica e definir parâmetros de observação evolutiva e do prognóstico clínico. (FILGUEIRAS, 2002).

A interação da homeopatia como a clínica do semelhante e a psicanálise como a clínica da palavra, podem ser uma poderosa ferramenta para o alívio do sofrimento humano e a sensação de bem-estar geral do paciente, critérios importantes para uma boa evolução do prognóstico clínico dinâmico, fruto de um reequilíbrio da força vital (CHECCINATO, 2006)

3.2 Psicanálise

Hahnemann foi o precursor da psicanálise como já citado anteriormente no parágrafo 226 do Organon. As semelhanças entre psicanálise e homeopatia são inúmeras. Em ambas, o sintoma tem um sentido. Na psicanálise o sintoma é uma formação de compromisso entre o conflito do inconsciente com o consciente, se reprime a representação psíquica incompatível com outras instâncias do eu, mas ela insiste em dar notícias ao consciente através dos sonhos, chistes, atos falhos. No parágrafo 215 Hahnemann descreve o sentido somatopsíquico das doenças:

“Quase todas as denominadas doenças mentais ou psíquicas nada mais são que doenças físicas nas quais a perturbação da mente e do psiquismo se exacerba, enquanto os sintomas físicos declinam, com maior ou menor rapidez (..) como se fosse uma afecção local transposta para o sutil e invisível território da mente e do psiquismo. (PUSTIGLIONE 2010). Pustiglione (2010, página 93) comenta sobre o

parágrafo 16 do Organon: “ A imaginação pode produzir perturbação suficiente da força vital causando doença grave que pode ser curada da mesma forma”, ou seja, o poder da análise, da terapia pela palavra e da escuta já é valorizado como ferramenta para abordagem do mental. Hahnemann foi contemporâneo de Pinel e também pregou a humanização no atendimento aos doentes mentais. Esta luta continua até hoje, se por um lado se diminuiu a manicomialização dos pacientes, por outro as drogas da medicina alopática são camisas de força químicas, com diversos efeitos colaterais desagradáveis ou perigosos. Muitas pessoas se atraem pela homeopatia e psicanálise para fugirem destes efeitos deletérios. O dia a dia da prática homeopática demonstra a efetividade de sua atuação nos transtornos depressivos e ansiosos (...) principalmente nos casos em que as medicações psiquiátricas são ineficazes, como os transtornos de personalidade, (NASCIMENTO,2007)

“Dada a maior tolerabilidade das medicações homeopáticas, abre-se uma maior possibilidade de aderência ao tratamento[...]o caráter abrangente do medicamento homeopático, ao priorizar a visão do indivíduo como um todo[...]considerando que um transtorno de personalidade afeta globalmente um indivíduo, a medicação homeopática pode ser mais adequada para ajudá-lo, (NASCIMENTO, 2007, p. 13).

Hahnemann no parágrafo 224 do Organon faz a defesa da psicoterapia:

“Se a doença mental não estiver plenamente desenvolvida (sintomas vagos). Se houver dúvida em relação a sua origem numa afecção orgânica (isto é, não são evidenciados sintomas físicos significativos na história pregressa da moléstia atual que possam estar sendo “aliviados” na esfera psíquica). Se houver a possibilidade de ser resultante mais provavelmente de: falhas na educação; maus hábitos;

corrupção moral;descuido mental; superstição ou ignorância. O diagnóstico diferencial (entre ser decorrente de causa orgânica ou social) será feito pela observação do resultado que se obtém melhorando a condição psíquica desses doentes através de: exortações amistosas e equilibradas; argumentos consoladores; advertências sérias; e conselhos sensatos. Uma doença mental ou psíquica que realmente dependa de uma doença orgânica será agravada rapidamente com esse método, de maneira que: o melancólico tornar-se-á mais abatido, choroso, inconsolável e reservado; o maníaco furioso, mais exacerbado; e o doente loquaz, manifestamente mais desequilibrado”, (PUSTIGLIONE, 2010, p.226)

Tanto a Homeopatia quanto a psicanálise, dialogam com um sujeito ativo, que reage ao meio e significa suas experiências de alegria, tristeza, tem afetos, desejos, aspirações, família, cultura. Porém há distinções, sendo que a homeopatia trabalha com o sujeito único, mente-corpo, já a psicanálise valoriza o psiquismo sem necessariamente integrar o binômio mente-corpo, onde o analista é o facilitador do processo de interpretar o que foi deturpado e cifrado pelo processo de repressão (CHECCINATO,2006)

Em Homeopatia e psicanálise o sujeito é o centro. Em psicanálise o sujeito psíquico se constitui num devir de encontros e desencontros com os outros significativos. O inconsciente não existe desde as origens, é um produto da cultura fundado numa relação sexualizante com o semelhante e, fundamentalmente, é produto da repressão originária que provém do outro. O aparelho psíquico se constitui a partir das inscrições procedentes do exterior e está permanentemente submetido a seus embates, aberto ao real. O ser não é passivo, ele se apropriará ativamente de tais elementos. Ao mesmo tempo, há elementos que não são incorporados pelo sujeito, como exemplo, temos as experiências traumáticas de

vida, como os eventos biopatográficos da homeopatia, que não são metabolizados, assim não se ordenam sob o inconsciente nem pré-consciente, eles podem se manifestar sem ser conscientes, ligados a modalidades compulsivas da vida psíquica, nas referências traumáticas não sepultáveis pela memória e o esquecimento, desligados da vivência mesma, não articuláveis. Aqui a repressão não pode sepultar no inconsciente os restos do traumático, que continuam investidos e operando, o que leva Freud a reconceitualizá-los em 1920 sob uma das formas de funcionamento da pulsão de morte como desligamento. (BLEICHMAR, 2004)

Homeopatia e Psicanálise constituem-se duas doutrinas cuja finalidade é a cura do paciente. São práticas diferentes, com epistemes limitantes uma à outra, mas com aspectos interessantemente semelhantes. A homeopatia é uma ciência médica que intervém no organismo, mediante medicamento específico, para obter a cura do sujeito. A psicanálise não é medicina nem ramo dela. Também visa à cura do sujeito, só que ela se abstém de agir no organismo tanto por avaliações de sinais vitais e exames subsidiários quanto pelo uso de medicação. A palavra, unicamente a palavra, é o meio pelo qual a psicanálise age (CHECCHINATO, 2006)

3.3 Semelhanças homeopatia e psicanálise

Há vários princípios que psicanálise e Homeopatia compartilham, muitas vezes com nomenclaturas diferentes, mas com o mesmo significado. Dentre as semelhanças entre psicanálise e Homeopatia podemos citar alguns conceitos chave: (CHECCINATO, 2006)

3.3.1 Pulsão versus Força Vital

Pulsão para Freud é a energia, força que movimenta o ser humano, incontrolável, ininterrupta, que busca se ligar a um objeto, porém nunca se satisfaz, pois não tem um objeto específico, está sempre em busca, pois carece de representação, é uma energia desligada de representatividade (FREUD,1915).

A pulsão é demasiadamente humana, depende do que vem de fora, do outro, para que a pulsão inicie o processo de busca de representação, exemplificamos o bebê colocado no seio materno quando chora, porém, nem sempre é desejado o bebê ser colocado ao seio materno quando chora, foi a interpretação da mãe. Algumas vezes sua pulsão é por alimento, mas sua linguagem de choro pode não ser interpretada pela mãe como necessidade de alimento. Logo, a comunicação com o outro e o processo de humanização se dá através da linguagem. “O outro, quando está em condições, provê por um lado os elementos à subsistência e por outro inscreve os recursos com sua potencialidade simbolizante, representando a pulsão de vida. Mas quando o Eu não pode exercer sua capacidade de ligação, ativa-se a pulsão de morte, o predomínio do desligado. Retiram-se as catexias do objeto para evitar a dor. Por outro lado, quando a morte espreita no real, tudo se torna ainda mais complexo” (UNTOIGLICH,2009). A pulsão é plástica e múltipla. Ela toma a forma do que lhe oferecer, inicialmente pelos pais. A pulsão é diferente de instinto. Instinto diz respeito a uma aprendizagem inata, um saber transmitido geneticamente na espécie Freud separou as pulsões em de vida e de morte. A pulsão de vida compreende as pulsões que levam a conservar a vida e a transmiti-la, como as pulsões de auto conservação e as sexuais. Já a pulsão de morte é aquela que leva o organismo a reduzir suas tensões ao menor nível possível

de excitação, levando o organismo às suas origens, ao inorgânico, estado primordial de não vida, isto é, a morte. A tendência natural da vida é a morte.(FREUD,1915)

A compreensão do conceito de inconsciente, criado por Freud, é a base da teoria psicanalítica. O inconsciente é formado por redes de uma linguagem singularizada para cada sujeito. Essas redes são portadoras do desejo do sujeito e nem sempre retornam tranquilamente a consciência, formando assim núcleos patógenos geradores de menor ou maior sofrimento. Para fazer este retorno, o inconsciente usa a representação das palavras, através de sonhos, fantasias... de maneira cifrada, aceitável para todas as instâncias psíquicas para que não se gere conflito intenso. Para decodificar esse retorno se usa a associação livre, o encadeamento de palavras na fala, só esta associação livre pode desarticular e dissipar os núcleos patógenos (FREUD,1970).

Para Hahnemann a força vital é algo vivo, que todo indivíduo possui em seu interior, mantendo a vida humana em harmonia, equilíbrio, o equilíbrio vital, animando o corpo material e mantendo todas suas partes harmonicamente em suas funções e sensações, (CHECCHINATO, 2006). É o que diferencia o inorgânico do orgânico. A força vital é excitável e irritável, (PICHOT, 1994). Quando algum fator estressante atua nessa harmonia, o organismo readquire o equilíbrio mediante mecanismos de auto regulação.A doença só pode existir por sustentação da força vital, embora enfraquecida, ela preside todas as funções do organismo (parágrafo 10 Organon). “Sem a força vital, o organismo material é incapaz de sentir, agir ou conservar-se. Todas as sensações nascem e todas as funções vitais se realizam através do princípio vital (“ ser imaterial”) que anima o organismo, seja no estado de saúde, seja no de doença “(Organon, parágrafo 10). A persistência da doença evidenciada por manifestações clínicas, decorre do predomínio de um fator nócio

atuante e sem oposição suficiente. A doença não é só desequilíbrio, mas também esforço da natureza no homem para obter um “novo equilíbrio”, (KOSSAK-ROMANCH, 2003),

O remédio homeopático atua aumentando a força vital para que esta se torne superior ao agente agressor e à doença, (JÚNIOR, 2013).

O que promove a cura não é a ação direta do medicamento nos planos doentes, mas sim a sua ação na energia interna desequilibrada. O medicamento ao restaurar o equilíbrio permite que o organismo expulse a doença. É uma energia medicamentosa agindo sobre outra, a energia interna, com o fim de regular esta última,(GALVÃO,2004).

Em suma, Pulsão e Força vital pertencem a mesma linha, o vitalismo, doutrina que reconhece a existência de um princípio irreduzível e imaterial que anima e domina o corpo físico, cuja presença permite discernir os seres vivos dos corpos inanimados. Sua ausência caracteriza a morte (CHECCINATO,2006).

3.3.2 Sintoma.

Ao utilizar o princípio da semelhança como estrutura da clínica homeopática, Hahnemann privilegiou o menor número de sintomas com valor máximo. O sintoma é a expressão da doença do paciente, e o que determina a escolha do medicamento mais apropriado (parágrafo 7 Organon). A totalidade dos sintomas forma a especificidade do sujeito, valorizando o que caracteriza o sujeito, seus sonhos, sensações, afetos e pensamentos., incluindo suas características gerais e física que lhe são individualizantes. Tudo advém da fala do paciente que será transformada em linguagem repertorial para facilitar o encontro do *simillimum*.

“A totalidade dos sintomas que refletem a enfermidade crônica não consiste na soma dos sintomas que o enfermo tem, e sim em algo distinto, completamente novo, assim como uma melodia, uma fuga, um acorde musical, é algo completamente distinto dos tons e sons isolados que os compõem. Algo novo surgiu da integração harmônica dos sintomas que não é nenhum desses sintomas nem tampouco a soma de todos eles” (PASCHERO, 1991). A totalidade sintomática é um retrato de toda história mórbida do ser, sentir, pensar, agir e expressar do paciente (KOSSAK-ROMANACH, 2003).

Na classificação hierárquica homeopática, em primeiro lugar vem os sintomas mentais, seguidos pelos gerais, locais e físicos. Nesta ordem serão os guias na eleição do medicamento. Ressalta-se que os sintomas mais antigos, intensos, persistentes e peculiares, tem um maior valor decisório para a seleção da medicação (BARBOSA NETO, 2006). No parágrafo 5 do Organon, Hahhenamn diz que não importa a “causa ocasional mais provável” o que importa é a manifestação que a doença produz em seu paciente

Na psicanálise o conceito de sintoma também é central. O sintoma é sinal de que o sujeito está doente e não está podendo exercer sua vida com qualidade. Ele é uma formação de compromisso feita entre as instâncias do eu: ego, id e superego, que possibilitam ao sujeito uma sobrevivência precária diante das investidas de núcleos patógenos reprimidos que insistem em retornar à consciência, e que são mais ou menos insuportáveis ao sujeito. O sintoma em psicanálise é a própria doença disfarçada, a metáfora do núcleo patógeno com linguagem e regras próprias de funcionamento do aparelho psíquico (CHECCHINATO, 2006). O sintoma é uma saída intermediária produzida pelo inconsciente com o pré-consciente. Não é a melhor saída, mas é a única viável, representando disfarçadamente o núcleo

patógeno. A psicanálise pode ser qualificada como a terapia da palavra, pois se interpreta a palavra para tratar os sintomas, dissolver os conflitos. O psicanalista francês Jacques Lacan, foi um desbravador no campo da linguística para entender o funcionamento do aparelho psíquico. Para ele, o inconsciente opera com regras e estruturas análogas a da linguagem. Relacionam operações como metáfora e metonímia com o trabalho inconsciente que produz os sonhos, sintomas, chistes e atos falhos, que são as formações inconscientes. ” O Inconsciente está estruturado como uma linguagem” (LACAN, 1999)

O sintoma é a saída que o sujeito encontra diante do seu conflito interno, para continuar funcionando. Jurandir Freire diz: “ O sintoma é um precioso aliado, sinal de que ele foi a única saída para o indivíduo em determinada fase de vida. Suprimir o sintoma, é roubar-lhe essa saída, quase sempre é uma saída de saúde, de emergência, de sobrevivência. Se assim o fizermos, o paciente fabricará outro sintoma, pois não consegue viver sem nenhum sintoma. (FREIRE,1998) ou seja, não há saída ao desamparo humanidade.

3.3.3 Doença

Para Homeopatia doença é “uma desarmonia que precede a alteração em toda parte no seu organismo (...) é a única que (...) sofre a influência dinâmica hostil à vida de um agente morbígeno” e a força vital perturbada por tal anormalidade, fornece ao organismo as sensações desagradáveis e o impele destarte “ a atividades irregulares a que chamamos doença”(parágrafo 11 Organon), Na Homeopatia a patologia não é a enfermidade, mas sim consequência de verdadeira enfermidade cuja natureza é dinâmica e seu começo são as alterações psíquicas

(PASCHERO, 1983). Paschero também diz que nenhum diagnóstico homeopático chega ao *similimum*, se o medicamento não tem o gênio mental do doente, isto é, sua personalidade caracterológica. Logo, o mental é de suma importância na hierarquia de prescrição.

Enquanto na homeopatia a doença é uma afecção da força vital, na psicanálise ela advém da pulsão, que também é uma força constante como a energia vital, que é desviada por fatores patológicos como a neurose ou a psicose. A pulsão pode ser quantificada, classificada por Freud como aspecto econômico, por exemplo na angústia que pode estar muito alta a carga energética e transbordar de energia o aparelho psíquico. Para a psicanálise doença é um desequilíbrio da pulsão, que não consegue se representar de maneira adequada e ser aceita pelo sujeito, gerando conflito entre as instâncias psíquicas. A linguagem é uma forma de representação. Freud diz em seu texto “ A Pulsão e suas vicissitudes”, que o sujeito repete sem cessar em seu inconsciente as informações que registrou, algumas voltam ao consciente sem conflitos, outras voltam com sofrimento, são os núcleos patógenos, repetidos em exaustão até que o sujeito elabore uma saída para aliviar a carga energética que leva ao transbordamento do aparelho mental por angústia, paralisando o indivíduo (FREUD, 1915). O recalque é o procedimento de defesa que tenta reprimir o núcleo patógeno, entretanto esta repressão sempre falha. Para que o aparato psíquico não fique eternamente em uma ciranda de repressão que impossibilitaria o progresso da vida do paciente, cria-se a formação de compromisso entre id, ego e superego, que se acertam de modo que o núcleo patógeno possa se representar de uma maneira que o expresse, mas disfarçadamente, para que seja suportado pelo consciente. (CHECCHINATO, 2006). Esta formação de compromisso é o sintoma, como a histérica que gostaria de acariciar o corpo de seu cunhado,

entretanto não é permitido socialmente se envolver com o cunhado, sua mão se paralisa, como um sintoma que soluciona aparentemente o conflito em várias esferas. As tentativas em solucionar as várias partes do conflito, gastam as energias do sujeito, levando a infelicidade. Claude Bernard, o pai da fisiologia, estabeleceu a ideia de uma relação ativa do vivente com seu meio ambiente, pela qual o imperativo da vida se afirmaria pelas regulações e constâncias do meio interno do organismo, que se defrontaria permanentemente com as variações do meio externo (BIRMAN,2007). A ordem vital serviu para tirar os problemas psíquicos da esfera da ordem espiritual, das paixões da alma. Os afetos e os sentimentos passaram a ser regulados pelo pensamento, porém o sentimentos e afetos conservam certo grau de autonomia que não permite seu completo controle, o que gera uma tensão, um conflito, que está na origem dos distúrbios psíquicos estudados pela psicanálise. Logo, as anomalias mentais seriam derivadas do registro da vitalidade e deveriam ser corrigidas pelos limites a serem estabelecidos a autonomia das paixões, para que a razão pudesse se impor, de forma triunfante, como princípio dominante do psiquismo (BIRMAN,2007).

3.3.4 Estrutura Edípica

Estrutura Miasmática. Édipo é a base da psicanálise para explicar a constituição do sujeito. É o desamparo humano, manifestado através da dependência aos pais ou da sociedade. A função paterna edípica é o que ordena o indivíduo na família e na sociedade. Outra função é estabelecer a diferença sexual. Na época da castração, por volta dos 5 anos, a menina se torna graciosa e/ou sedutora cortejando o pai, o mesmo jogo faz o menino com a mãe. O Édipo é imutável, mas durante a vida, a análise pode ser entendida de outras maneiras do que a neurótica,

significando a cura do sujeito. Nessa dependência, vemos que a principal influência para que o indivíduo se constitua como sujeito vem dos pais, inclusive suas cargas de doenças são determinantes que vieram de gerações anteriores que não foram solucionados. A sexualidade é o signo mais visível e eloquente da força vital no aparelho psíquico. A sexualidade ou pulsão sexual, seria em Freud, a materialização maior da vitalidade, em oposição tanto ao registro do espírito quanto ao da natureza inorgânica. A sexualidade domina o funcionamento psíquico, mesmo que as pulsões de auto conservação e as pulsões do ego, se oponham às pulsões sexuais na dinâmica estabelecida pelo conflito psíquico. A tendência originária, econômica do aparelho psíquico, é descarregar todas as excitações nele operantes, de modo a livrar-se da inquietude que isso produz, é o princípio do prazer. Entretanto, se o ser vivente se descarregasse completamente, encontraria a morte brevemente, para solucionar este descompasso em sua teoria de funcionamento do aparelho psíquico, Freud criou o conceito de princípio de realidade, em que se adia a satisfação, o prazer, em nome da conservação do eu. Logo, criou-se a homeostase psicossomática, só o equilíbrio entre prazer e realidade torna a vida possível. (BIRMAN, 2007).

A Homeopatia propõe as estruturas miasmáticas como explicação da constituição do sujeito, fornecendo uma explicação semelhante à da psicanálise (CHECCINATO, 2006). Ao constatar que muitos doentes crônicos não respondiam satisfatoriamente ao tratamento homeopático bem conduzido, Hahnemann publicou a teoria miasmática. Os três miasmas fundamentais são a psora, a sífilis e a sífilis., depois foram agregados o tuberculinismo e cancerinismo. O organismo agredido reage através de alterações celulares e descargas de toxinas, que desorganizam as células. Esta alteração do metabolismo celular constitui a Psora, por exemplo, nas

inflamações agudas. Já se o organismo se manifesta por hiperfunção na reprodução e multiplicação celular, causando excesso, temos a Sicoose, como por exemplo nas verrugas, na obesidade. Já a sífilis é um processo mais agressivo em que a capacidade de defesa do organismo foi ultrapassada, causando destruição dos tecidos, como nas úlceras (JÚNIOR, 2013).

O Miasma é a estrutura que foi se sedimentando ao longo da vida do sujeito. Segundo Vithoukka, miasma é a predisposição crônica subjacente às manifestações agudas da moléstia, transmitida de geração para geração, e pode responder ao nosódio correspondente. A predisposição de uma criança é a combinação da predisposição dos pais, tanto do estado geral quanto do estado específico da saúde. (VITHOLKAS, 1993). Em suma, miasma é a constituição do indivíduo, sua forma de adoecer, com hereditariedade, assim como a estrutura Edípica fala da constituição do indivíduo quanto a sua constituição mental. Quanto às alterações mentais, as manifestações da psora são as emoções mais primárias como ansiedade, medo, angústia existencial. As reações afetivas pervertidas, paradoxais e reações depressivas marcadas por melancolia, além de reações mais exacerbadas como medo irracional, ideias fixas, afetação da memória; assim como as atitudes de crueldade, cólera e mentira estão relacionadas à sicoose. A sífilis abrange variados distúrbios de intelecto que culminam em reações agressivo-destrutivas contra si mesmo e contra os outros, e traduz-se por manifestações psíquicas mais violentas como ódio, ciúmes infundados, cólera e desprezo por si e pelos outros, com perturbação nas ideias, no raciocínio, na imaginação e na razão. Afeta a inteligência. (KOSSAK-ROMANCH,2003).

3.3.5 Tratamento

O princípio fundamental da Homeopatia é o “*similia similibus curantur*” os semelhantes são curados pelos semelhantes. Selecionam-se os sintomas mentais que melhor representam a subjetividade. A medicação é única, pois o sujeito é único, e sua força vital não consegue responder ao estímulo de varia medicações diferentes praticada pela homeopatia pluralista (CHECCHINATO, 2006) A Homeopatia busca a cura através de um semelhante encontrado na natureza, extraída da força vital de um de seus elementos. A Homeopatia trabalha com o prognóstico clínico dinâmico, baseado no tipo de lesão presente. Em alterações funcionais (manifestações sensoriais, bioquímicas) após o uso do medicamento homeopático, espera-se uma melhora dos sintomas mentais, gerais e funcionais com sensação subjetiva de bem-estar geral. Ocorre, portanto, uma melhora suave, progressiva e sem agravações. Em uma patologia lesional leve (alteração em órgãos e tecidos não vitais), espera-se uma agravação curta e forte, seguida de rápida melhora. Já em uma doença lesional grave (caracterizada por alterações em órgãos vitais) espera-se uma agravação prolongada, seguida de lenta e segura melhora. Por fim, em doenças incuráveis (alterações tão graves e profundas em órgãos e tecidos vitais- incluindo alterações mentais irreversíveis) a deterioração energética chegou ao máximo, por isso a tentativa do organismo de equilibrar-se foi levada às últimas consequências, não existindo nada para curar e, portanto, não há agravação, e se espera uma palição com sintomas idiossincrásicos (os próprios do doente) e morte em ataraxia (bem-estar) (AMARAL, 2013)

A psicanálise também trabalha com o princípio de semelhança. O inconsciente é formado por uma linguagem própria do sujeito, através da palavra, da associação livre, sem intervenções, se chega a verdade do sujeito. O núcleo

patógeno que causa sofrimento, é uma palavra distorcida representante da pulsão que não consegue se dizer por ser insuportável. Ele é dissolvido, por princípio de semelhança, como a homeopatia, por outra palavra que pode ser admitida e dita. A palavra dita na transferência entre analista e analisando consegue desimpedir o obstáculo a cura. É importante valorizar a singularidade da história de cada sujeito, para uma cura efetiva e uma boa relação transferencial analista-paciente / homeopata-paciente. A transferência é vital entre o paciente e o psicanalista e entre o paciente e o homeopata. Hahnemann não usava este termo, mas sabia da importância da transferência no tratamento, acolhendo o paciente com cuidado, atentando para administração dos medicamentos, observando seu prognóstico, agravamento e reações. Os pacientes discutem seus sofrimentos com o homeopata, muitas vezes mais do que discutem seus sintomas físicos, fazendo com que o consultório homeopático se assemelhe a um consultório sentimental. O poder de cura da psicanálise se encontra na transferência, que é uma relação terceira, pois depende de uma interpretação, estabelecida pelo contrato de análise, no qual o paciente deve dizer tudo o que lhe vem à mente e o analista se compromete a ouvi-lo integralmente, (CHECCINATO, 2006). O que motiva a análise é a pulsão epistemofílica, a pulsão do saber sobre si e o que seu inconsciente tem a revelar, (LACAN, 1999). A transferência é o terreno onde se desenrola a análise. Um misto de amor para com o analista e confiança nele. O analista faz-se para o paciente o depositário de suas angústias, de seus desejos e anseios. O analista desperta os desejos recalcados, o protótipo de seus modelos de identificação, graças a transferência o analista instaura a demanda do paciente e seu passado se entreabre (LACAN, 1999). Uma boa escuta homeopática e /ou psicanalítica exige que o analista/homeopata se despojem de seu próprio arquivo mental para ler o arquivo

original que tem diante deles. O homeopata também reaviva coisas que o indivíduo nem tem consciência em suas consultas, fazendo com que o paciente saia de uma posição passiva para uma posição ativa em que ele mesmo analisa e interpreta sua história, através da ressubjetivação. O médico homeopata se interessa pelos sentidos de seu paciente, pelos seus gostos, pela maneira como goza a vida, nas suas crenças, manias e idiosincrasias, muito diferente da medicina alopática que não se interessa por sintomas de difícil compreensão. A transferência é um amor técnico, uma energia que mantém o processo de cura, porém o analista e o homeopata devem se abster e assistir respeitosamente o desenrolar do processo de cura promovido pela medicação e pela palavra, (CHECCINATO, 2006). Tanto a Homeopatia quanto a psicanálise utilizam a metáfora do desfolhar da cebola para explicar como ambos os tratamentos procedem no ato da cura. Hahnemann diz que um paciente paranóico é fruto de uma doença crônica, reduzindo-se o quadro agudo, que está por fora, muitas vezes remove-se também o problema crônico. As camadas de predisposição são eliminadas uma de cada vez, para se chegar à cura (ORTEGA, 1979).

Para a psicanálise o inconsciente é um enigma, que se abre camada a camada, através de sintomas, chistes, atos falhos, sonhos. Em "Psicoterapia da Histeria" Freud diz: "Eu indiquei que o agrupamento dessas espécies de lembranças numa pluralidade de camadas, de estratos lineares se apresentava como um "dossiê" de atos, um pacote etc. e caracterizava a formação de um tema. Estes temas, por sua vez, são agrupados de outra maneira ainda, o que eu não saberia descrever senão que eles estão concêntricamente dispostos ao redor do núcleo patógeno. (...) São estratos que apresentam uma resistência igual, que cresce quando se aproxima do núcleo. (...) A organização patogênica não age realmente

como um corpo estranho, mas, antes, como um infiltrado. (...) A resistência é radical”, (FREUD, 1893).

Em análise se faz uma decomposição e desconstrução de ideias. Freud comparava o psicanalista com o arqueólogo. O paciente é quem mostra o caminho de sua patologia, onde deve ser escavado, onde se extrairão sintomas antigos. O inconsciente analisado produz automaticamente um rearranjo no estado do material psíquico anterior. Na análise, o sujeito retoma sua história, a reconstrói, a ressignifica, adotando uma visão que ignorava ou não suportava aceitar. Ao reorganizar os objetos psíquicos eles se tornam integrados, funcionais. Durante este processo de escavação arqueológica do tratamento, podem ocorrer agravações, no Organon, Hahnemann diz que a agravação é sinal de que a cura está a caminho, de que a medicação certa alcançou o alvo. Em psicanálise, em geral, após melhora do estado agudo, o paciente apresenta recaídas, indicando da mesma maneira, o caminho da cura, (CHECCHINATO, 2006). Freud diz: “ Evocar um fragmento da vida real (...) não pode ser considerado como inofensivo e destituído de riscos. É a essa evocação que se liga o problema da agravação muitas vezes inevitável dos sintomas no decorrer do tratamento (...) as agravações são necessárias e passageiras. (...) O sintoma em questão reaparece ou ganha em intensidade desde que se penetre na região da organização patógena que detém a etiologia. A virulência desse sintoma cresce à medida que se penetra mais profundamente numa das lembranças de ação patógena” (FREUD, 1970). Em Homeopatia a agravação é necessária para detectar se foi feita a correta escolha do *similimum*, para mobilizar com sua energia a massa que for necessária no paciente. O paciente só suportará a agravação se a transferência tiver sido estabelecida, e após o advento do bem-estar, ela será fortalecida e o tratamento irá mais a fundo, (CHECCHINATO, 2006).Classificamos

as agravações em: agravação primária (piora inicial dos sintomas da enfermidade, devido administração inadequada das doses ou potências), a agravação secundária (surgimento de sintomas acessórios nos órgãos afetados), o retorno de sintomas antigos (bom prognóstico) e o surgimento de sintomas novos (se desagradáveis suspender medicação ou antidotar).(CHECCHINATO,2006)

Quanto à cura homeopática através do medicamento e psicanalítica após a intervenção da palavra, ambas não incluem o conceito alopático de simples remoção ou supressão dos sintomas. A possibilidade de conviver com eles e a re aquisição da liberdade de agir e criar, são critérios de cura para ambas as práticas. Não necessariamente tem que se restituir um estado anterior, isto é impossível. A doença vem sempre ao sujeito como uma possibilidade de crescimento, de resolver um impasse na vida. O sujeito após a cura nunca mais será o mesmo, mas sim alguém mais maduro e experimentado, (CHECCHINATO, 2006).

Em Homeopatia e psicanálise se a medicação e a palavra do “insight” forem acertadas, o sujeito experimenta uma mudança subjetiva que lhe permite desmontar todo o mecanismo gerador de conflito, ao permitir a ressubjetivação do sujeito no processo de cura, que nada mais é do que integrar na história do paciente dissolvendo seus núcleos patógenos e na transformando o seu viver. O sujeito entra cada vez mais em um processo integrante em que em que se torna sujeito de sua vida. A Homeopatia age de dentro para fora. Ela faz aflorar seus movimentos no sujeito, o sujeito sente que algo se transforma dentro dele. Enquanto ela opera, o sujeito sofre, mas sofre de uma maneira humana, há uma dignidade nesse sofrer, trata-se de um sofrimento dignificante, há uma base para o suportar, diferente do abatimento ou mesmo arrasamento a que fica submetido o paciente sob quimioterapia, por exemplo. A cura representa um bem para o paciente, mas a

provação pela qual ele passou o forjou a ser mais forte, e certamente viverá melhor após a doença.(CHECCHINATO,2006)

A psicanálise assim como a Homeopatia são experimentais. A verdade homeopática tem que ser extraída experimentalmente. Ela é construída com cada paciente, pela simples razão de que cada paciente é um sujeito singular. Exemplo: *Phosphorus* produz em A uma verdade que é totalmente diferente da verdade que produz em B. O mesmo acontece com a psicanálise, para um mesmo tipo de estrutura mental, como a psicose, é construído pelo analista e pelo analisando um caminho que em outra relação entre analista e analisando para o mesmo diagnóstico de psicose seria diferente, pois os psicóticos analisados e os analistas não são os mesmos em todos os lugares. O ser humano só existe como sujeito pois é um ser pensante. A Homeopatia e a psicanálise, valorizam em seus tratamentos a palavra. Entretanto, a palavra não pode ser levada ao pé da letra, pois teríamos erros na escolha do medicamento homeopático mais adequado. A palavra mãe terá uma definição sempre a mesma no dicionário da língua, entretanto terá um sentido subjetivo e único para cada um dos seres humanos, (CHECCINATO, 2006), são as diferenças entre significante e significado, sendo significante pessoal e significado o estabelecido pelo código da língua em um dicionário, por exemplo. Por exemplo, o objeto internalizado “mãe” é o que conta em psicanálise, não o objeto externo “mãe”, fazendo assim com que a importância resida na realidade psíquica de cada indivíduo em suas percepções, não o real externo, que não tem como ser caracterizado por não ser universal, mas sim individual

Em análise para que o sujeito emergja, é preciso haver um sujeito com o suposto saber (o analista) que na verdade, só é suposto, pois quem realmente sabe do sujeito é o inconsciente, mas essa condição se faz necessária como mediação,

cessando apenas no final da análise, (LACAN,1999). A Homeopatia também faz surgir o sujeito, ao eliminar a neurose de um ser neurótico, submetido às ilusões fantasiosas ou a fins descontrolados. “A medicação única, quando adequada, não faz outra coisa senão produzir contínua emergência do sujeito (PUSTIGLIONE, 2010).

O objetivo da interação homeopatia e psicanálise é atingir a cura, como disse Junior: “A cura, é o equilíbrio que observamos no desaparecimento dos sintomas clínicos, no equilíbrio miasmático das tendências do adoecer, e em um nível pessoal na mudança de atitude vital, que é o que Hahnemann chamava de “altos fins da existência”” (JUNIOR, 2013)

4. A CONSULTA HOMEOPÁTICA, PONDERAÇÃO DA EXCESSIVA VALORIZAÇÃO MENTAL

O homeopata francês Pierre Joly faz um alerta: “A maior parte dos doentes que consultam homeopatas por problemas psíquicos, já foi tratada sem grandes resultados por terapias habituais, como neurolépticos e barbitúricos.(JOLY,2002)

O aspecto somático de sua doença em geral foi negligenciado. Em homeopatia, não é porque os sintomas maiores que nos são apresentados pertencem ao psiquismo que podemos negligenciar a unidade psicossomática e esquecer os sintomas gerais e suas modalidades. Não devemos valorizar apenas os sintomas emocionais por serem muito abundantes. (JOLY,2002)

No caso de serem valorizados artificialmente, podem nos levar a informações terapêuticas pouco importantes. É importante analisar toda a síndrome psíquica para eliminar uma possibilidade de erro na individualização do remédio”, (JOLY,2002). O mesmo autor também diz: “A interpretação dos sintomas subjetivos, sendo a dor um dos mais importantes, é semeada de armadilhas, mas um pouco de método permitirá transpô-las” (JOLY,2002), um dos métodos seria uma boa modalização., valorizar a sua intensidade, clareza e originalidade. É importante para traçar um bom perfil psíquico do paciente abordar questões de sono, sonho, sexualidade.

Em algumas patologias os sintomas mentais são mais abundantes, como nas de origem psicogênica, entretanto em certas doenças lesionais como cirrose, tuberculose, a carência dos sintomas psíquicos é relativamente frequente. É preciso saber recorrer aos medicamentos de ação mais específicos sobre estes órgãos. Os sintomas psíquicos são muito informativos com a condição que os situemos em seu

lugar, que varia em função do remédio, da doença e do doente. Eles não tem um valor hierárquico absoluto, pois os sintomas psíquicos são só uma parte da reação global do organismo frente a uma determinada situação. Se houve uma mudança clara no comportamento ou no caráter do indivíduo após sua doença, os sinais psíquicos que acusará serão quase tão importantes quanto os sinais etiológicos.(JOLY,2002)

Muitas vezes, quando os doentes têm muitos sintomas psíquicos ou poucos, é difícil encontrar um que predomine nesta miscelânea, nestes casos para o diagnóstico do remédio, melhor seria basear-se mais nos sintomas somáticos do que nos psíquicos(JOLY,2002)

Muitas vezes influências psíquicas, como um luto, podem despertar ou acentuar um estado patológico latente, que até então estava compensado. São eventos marcantes, e a vida do sujeito não é a mesma após sua ocorrência, são os eventos biopatográficos, importantes de serem valorizados, como sintomas etiológicos, com valor hierárquico maior que os sintomas psíquicos em si.(JOLY,2002)

Em suma, a Homeopatia é uma medicina e uma terapêutica psicossomáticas, pois vê o homem dentro de sua totalidade indissociável, em um caráter ímpar, os meios que possui para conservar e restabelecer saúde são concretos e científicos, estabelecidos pela experimentação no homem são e dos sintomas que nele gera. Interrogar um enfermo é uma arte, para obter informações com valor, e a psicanálise pode ser uma ferramenta paraeste auxílio.(JOLY,2002)

5. DISCUSSÃO

O presente trabalho apresentou as semelhanças entre Homeopatia e psicanálise, e propõe uma maior interação entre ambas, no intuito de promover a cura e o bem-estar nos pacientes que estão desiludidos com a medicina tradicional alopática e buscam uma abordagem holística e menos deletéria, principalmente quanto aos sintomas mentais, que são os mais prevalentes como demanda de consulta nos ambulatórios da APH- Associação Paulista de Homeopatia. Deve-se respeitar os limites das duas ciências

A literatura médica é pobre em estudos que correlacionem Homeopatia e psicanálise. Uma busca na base BIREME-HOMEOPATIA, relaciona apenas 2 trabalhos relevantes em português em abril/2016, mas que não mostram a interação entre Homeopatia e psicanálise. Infelizmente, não há evidências científicas favoráveis ao uso da psicanálise em Homeopatia, pois poucos são os estudos existentes, e nem sempre a metodologia é adequada. Nesse sentido, mais estudos são necessários para se testar a eficácia e a segurança do uso da psicanálise em Homeopatia, já que não foram encontrados na literatura atual estudos que relacionem especificamente Homeopatia e psicanálise. Muitos dos dados levantados nesta revisão bibliográfica são opiniões da experiência clínica de renomados autores, psicanalistas ou homeopatas, que há mais de dois séculos, tem um modo de tratar sintomas mentais com eficácia em sua prática privada, mas não comprovadas por evidências científicas. Faz-se necessário mais estudos. Além do mais, os sintomas em saúde mental são muito subjetivos, não são 100% confiáveis, tanto devido ao relato do paciente, quanto pela escuta do profissional de saúde, sendo difícil quantificar melhora ou piora após determinada prática terapêutica.

Quantificar o bem-estar que a análise e a homeopatia proporcionam também é de difícil mensuração. Escalas existentes possuem limitações. Ao mesmo tempo em suas formações, muitos homeopatas não têm adequado preparo para a escuta do sintoma mental, ouvem o manifesto do discurso e não o latente inconsciente, valorização equivocada se sintomas mentais, com alto valor hierárquico, podem levar a uma incorreta síndrome mínima de valor máximo e logo a uma incorreta prescrição.

Uma melhor capacitação dos médicos homeopatas, envolveria reformulações curriculares. Se faz necessário outros estudos, para checar se a psicanálise é a melhor ferramenta, dentre as tantas linhas da psicologia, no auxílio da abordagem mental em homeopatia.

A relevância deste trabalho está em chamar a atenção para a escuta do latente, e não só do discurso manifesto, muitas vezes enganador, para se obter sintomas mentais verdadeiros, com valor para se chegar ao similimum, que diante de toda a complexidade exposta, só é possível alcança-lo através do aprimoramento de novas técnicas científicas que precisam ser testadas, e da arte.

6. CONCLUSÃO

-Homeopatia e psicanálise tem semelhanças em múltiplos aspectos da doutrina. Respeitados os limites destas duas práticas, elas são suplementares. Uma pode completar o trabalho da outra com resultado positivo para o paciente.

-Tanto Homeopatia quanto psicanálise são artes, no sentido de serem refinadas, dependerem de sensibilidade, tato, interpretação. É necessário ter dom para operá-las, não só técnica. Vithoukas diz: “ tentar analisar, passo a passo, a maneira exata como os princípios básicos são aplicados ao paciente não é possível, o processo real da prescrição de um medicamento está mais relacionado com a arte” (VITHOULKAS, 1993) o que leva a homeopatia a ser muito criticada e não tratada como ciência.

-Na atualidade, notamos um aumento do sofrimento humano, muito ligado ao estilo de vida contemporâneo, onerando o sistema econômico através de custos de saúde, faltas no trabalho, baixa produtividade devido desordens mentais. Muitos pacientes buscam aos psicofármacos, que por si sós não reequilibram o indivíduo em todas suas esferas, além de ter muitos efeitos colaterais que diminuem sua tolerância e aceitação. A homeopatia e a psicanálise seriam opções viáveis aos que não se adaptam a medicina hegemônica.

-Parafrazeando e traduzindo Philip M. Baley: “ Never take the patient’s word at face value. This is the sures way to the wrong prescription” Nunca tome ao pé da letra a palavra do paciente. Este é certamente o caminho para a prescrição errada. ” Se ressalta o que Freud desvendou há mais de um século, na anamnese do paciente não podemos nos ater só ao discurso manifesto, é necessário valorizar e interpretar o latente, o inconsciente que nem o paciente tem conhecimento, cabendo

ao homeopata, ao psicanalista mostrar o caminho para satisfazer a busca de autoconhecimento do paciente.

-Muitas vezes o fracasso do tratamento está do lado do paciente, mas na quase totalidade dos casos está na inaptidão de quem não cuidou da escuta, não se desapegou da transferência para uma escuta despojada do paciente.

-A Homeopatia e a psicanálise reconhecem o sofrimento humano como importante e inerente a própria vida, propiciando um contato maior do sujeito consigo mesmo. Checchinato opina: “ Se o homeopata pretende realizar uma abordagem psicodinâmica da personalidade do paciente, ele deve ter alguma formação na área psi, senão, projetará conteúdos de sua própria fantasia no paciente” “Um homeopata criterioso na relação com seu paciente, observa, por exemplo a ocorrência de um ato falho. O homeopata não deve interpretá-lo fora da cadeia associativa, e também por não ser psicanalista. Mas deve atentar-se para essa ocorrência e considerá-la no conjunto de dados obtidos na consulta”, (CHECCINATO,2006).

-A proposta de aliar Homeopatia e psicanálise não é criar um médico híbrido que não faria nada direito. É aproveitar as potencialidades de cada episteme em benefício do paciente.

-As pontes da Homeopatia com outras áreas, como a psicanálise, também seria uma forma de reavivá-la através das contribuições de outros saberes.

REFERÊNCIAS

- ADLER U.C. et al. Tratamento homeopático da depressão: relato de série de casos. **Rev. Psiq. Clin.** Vol.35, n 2; p74-78 , 2008.
- AMARAL, M.T.C.G., **Prognóstico Clínico-dinâmico**. São Paulo, março 2013.
- ARAUJO, EC. Homeopatia: uma abordagem do sujeito no processo de adoecimento. **Ciência & Saúde Coletiva**, vol. 13 (Sup), p. 663-671, 2008.
- BARBOSA, S.R.C.S. Transformações sócio-culturais contemporâneas e algumas implicações nos diagnósticos na área de saúde mental. **Revista Mudanças :Psicologia da Saúde**, VOL 16, N.1.
- BARBOSA NETO, R.M. **Bases da Homeopatia**, São Paulo, 2006.
- BIRMAN, Joel, História, **Ciências e Saúde Manguinhos** volume 14. Número 2. Rio de Janeiro, abril 2007.
- BLEICHMAR, S. (2004). **Simbolizaciones de transición**: una clínica abierta a lo real. Docta: Revista de Psicanalises, 2
- CHECCHINATO, D. **Homeopatia & Psicanálise** – Clínica do Semelhante e Clínica da Palavra. Editora Organon – 2 Edição, 2006
- COSTA, B. **O médico homeopata da família**. Ed Mythos, 1945
- DANTAS, F. **O que é homeopatia**. 4 Ed. São Paulo: Brasiliense, 1984
- FILGUEIRAS, Eduardo Almeida Cunha. Homeopatia e a Linguagem. Crianças. In: ROSENBAUM, Paulo. **Fundamentos de Homeopatia para estudantes de Medicina e de Ciências da Saúde**. São Paulo: Roca, 2002
- FREIRE, Jurandir “ **Não mais, não ainda**: A palavra na democracia e na psicanálise” Revista USP n 37, 1998.
- FREUD, SIGMUND. **A psicoterapia da histeria**, 1893
- FREUD, SIGMUND. **A pulsão e suas vicissitudes**, 1915
- FREUD, SIGMUND. **A técnica psicanalítica**,1970

GALVÃO, A.R.C., **Escuta Médica**, Homeopatia, Religação dos Saberes, 2004. Monografia- Ciências Sociais- UFRN, Natal 2004

JOLY, P. **A consulta homeopática** – Editora Organon- 2002

JÚNIOR, A. **Tratamento com Homeopatia**: Psicologia Junguiana e Homeopatia. Homeopatia no Brasil. Maio 2013

KOSSAK-ROMANACH, **A Homeopatia em 1000 conceitos**. 3 Edição. São Paulo: Elcid, 2003.

LACAN, Jacques. **O seminário V- Formações do Inconsciente**, 1999

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Relatório Mundial de Saúde**. Saúde Mental: Nova concepção, nova esperança, 2001.

NASCIMENTO, Christian Adolpho Diniz do. **Transtornos de personalidade e homeopatia**: correlação entre rubricas repertoriais e diagnósticos em Psiquiatria, 2007.

OPAS- ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE; ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Relatório sobre a saúde no mundo**, 2001.

ORTEGA, Proceso Sánchez; **Apuntes sobre los miasmas**, Edición 19, 1979

PASCHERO, Tomás Pablo. **Homeopatía**. Buenos Aires; El Ateneo, 1991

PICHOT, ANDRÉ 1994 Apresentação In: **Bichat, Xavier**. Recherches physiologiques sur la vie et la mort. Paris

PUSTIGLIONE, M. **Organon da arte curar de Samuel Hahnemann para o século XXI**, Editora Organon, 2010.

ROSENBAUM, Paulo. **Fundamentos de Homeopatia**: para estudantes de Medicina e de Ciências da Saúde. São Paulo: Roca, 2002.

SPADACIO, C.; BARROS, N.F. Uso de medicinas alternativas e complementares por pacientes com câncer: revisão sistemática. **Rev. Saúde Pública**, v.42, n.1, p.158-64, 2008

UNTOIGLICH, G., WETTENGEL, L& Szyber, G. (2009). **Patologias atuais na infância**. Bordas e Transbordos na clínica e na educação

VITHOULKAS, GEORGE (1993). **Homeopatia**: Ciência e Cura. São Paulo: Cultrix.